

DA CONVERSAÇÃO À GRAMÁTICA: A NATUREZA DO APOSTO

Lygia Corrêa Dias de MORAES¹

- RESUMO: Observando a ocorrência do aposto na língua falada, procura-se aqui definir-lhe a natureza, bem como a função que ele tem tanto na estrutura da frase quanto na da conversação.
- PALAVRAS-CHAVE: Aposto; conversação; entoação; reconstrução; paráfrase.

Introdução

Quer na gramática tradicional, quer na lingüística, encontra-se dificuldade na conceituação exata do aposto. Os critérios de definição acabam, na maior parte das vezes, por contradizer-se ou contrariar os dados empíricos. A razão disso talvez esteja na própria natureza do aposto, suspenso entre a frase e o discurso, voltado para a enunciação. Observá-lo na língua falada, por isso, poderá ser o caminho adequado para chegar ao esclarecimento e à compreensão de sua natureza. Tal é a motivação deste estudo.

Apoiamo-nos para tanto em um pequeno *corpus* de língua falada, tomado ao Projeto Nurc/SP, representando 9h50min de gravação, cuja audição acompanhou a leitura das transcrições publicadas em Castilho

1 Docente no Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil.

& Preti (v.I, 1986; v.II, 1987) e Preti & Urbano (v.III, 1988). São três inquéritos do tipo EF (elocução formal), um de cada faixa etária, um informante de sexo feminino e dois do masculino; outros três, D2 (diálogo entre dois informantes), um de cada faixa etária, um informante masculino, os demais, femininos; e cinco DID (diálogo entre informante e documentador), dos quais três da primeira faixa, os outros das outras duas, dois do sexo masculino.

Encontramos no aposto visíveis marcas da interação, que nos pareceram a melhor pista para buscar-lhe a natureza.

O aposto na teoria gramatical

Na gramática tradicional, a unanimidade de conceituação traduz-se na quase uniformidade de definição. De maneira geral, baseia-se esta em traços prosódicos, morfossintáticos e semânticos, que a seguir recordamos em síntese.

Quanto aos prosódicos: dão-se como distintivas do aposto as pausas que o separam de seu antecedente, de um lado, e do restante da frase, de outro, pausas representadas na escrita por vírgulas, travessões, parênteses, ou mesmo ponto final – o que, de resto, vale apenas para o aposto não-especificativo, ou seja, explicativo.

Quanto à morfologia: identifica-se como aposto o substantivo colocado ao lado de outro substantivo, que explica ou especifica, predicando-o (Bello & Cuervo, 1970, p.40), às vezes ligando-se pela preposição *de*.

Quanto às propriedades sintáticas: seria função do aposto na frase a mesma de seu fundamental, um vez que, eliminado este, o aposto o substitui sem prejuízo à gramaticalidade. O aposto, pois, repetiria a função sintática do fundamental.

Quanto às características semânticas: a central é que o aposto refere-se ao mesmo ser que o fundamental, constituindo nova repetição, a do significado.

Além disso, os gramáticos arrolam vários tipos de aposto, de acordo com o papel que cumpre em relação ao fundamental. Com esses nomes, ou equivalentes, encontram-se dois tipos principais, o explicativo e o restritivo, ou especificativo, divididos em subtipos que variam conforme o autor.

Vejamos, no entanto, os pontos fracos de tais conceitos.

Na atribuição de traços prosódicos, indica-se apenas a pausa, sem atenção à variação entonacional, que mais do que a pausa (determinada na língua falada por fatores de natureza diversa), caracteriza o aposto. Fato, aliás, presente na menção dos vários sinais de pontuação citados: a entoação do fundamental irá variar, na leitura, segundo o sinal que tenha à frente, vírgula, travessões, parênteses ou ponto final. Fica esquecida a função expressiva da entoação, que poderá alterar os padrões melódicos e, em consequência, a pontuação.

Para Cruttenden (1986, p.78), o aposto, como outras estruturas de natureza parentética, forma um grupo entonacional à parte e repete o tom do fundamental.

Dando o aposto como função do substantivo, as gramáticas logo se contradizem: o aposto circunstancial (ou aparente) é normalmente adjetivo, e encontramos na prática apostos a outras classes (advérbios, pronomes) e a unidades maiores (sintagmas, orações e períodos), talvez mesmo conjuntos de nível mais complexo (conjuntos de períodos, parágrafos).

Quanto à função sintática do aposto, nova contradição: se o aposto repete a do fundamental – uma vez que pode substituí-lo – como pode ao mesmo tempo especificá-lo ou explicá-lo, função de modificador que o colocaria em outro nível de construção?

E quanto à natureza semântica: pode dizer-se que há identidade de significado? É evidente a confusão: o ser designado pelo fundamental e pelo aposto pode ser um só e o mesmo na realidade extralingüística, mas a cada designação corresponde um referente diverso, que é o conceito designado. Frege (1974, p.32) faz a distinção entre o sentido e o significado de um signo (que traduzimos aqui, interpretando seu texto, por significado e referente, respectivamente).

Os estudos mais recentes, com orientações teóricas diversas, nem sempre elucidam a questão satisfatoriamente. Em geral, apontam para o caráter particular dessa construção, mais mostrando problemas que certezas.

Mattoso Câmara (1968, p.55-6), mantendo de início a definição tradicional, afirma que “na aposição tem-se uma SEQUÊNCIA, e não um sintagma (v.), mas uma sequência centrípeta (que gira em torno de um ser como seu centro), em contraste com as demais sequências, de caráter centrífugo (em que cada membro tem seu centro de referência)...”. Com isso reconhece o caráter específico do aposto, deixando-o entre a coordenação (sequência de caráter centrífugo) e a subordinação.

Dubois (1973, p.44) repete e critica as definições tradicionais, mostrando a insuficiência dos traços distintivos geralmente atribuídos, e lem-

bra que a designação de *aposto* caberia de início apenas ao substantivo, tendo-se estendido depois ao adjetivo. Reconhecendo em todos os casos a função predicativa, afirma, porém, que “o nome colocado em aposição não tem por si mesmo função sintática, não sendo a aposição propriamente uma função gramatical” – o que já faz suspeitar que, sem lugar na estrutura sintática da oração, o aposto há de tê-lo em outra instância.

Crystal (1988, p.29) menciona o aposto como “termo tradicional mantido em alguns modelos da descrição GRAMATICAL para uma sequência de unidades que são CONSTITUINTES no mesmo NÍVEL gramatical, e têm a mesma identidade, ou semelhança, com um REFERENTE”, bem como a mesma função sintática, já que a omissão de um deles não afeta a aceitabilidade da sentença. Reconhece, porém, muitos problemas teóricos e metodológicos, dada a ocorrência de casos em que nem todas as condições são reconhecidas.

A gramática gerativa postula para o aposto a origem numa inserção por relatividade, atribuindo-lhe o papel de atributo, dada sua função na frase de origem. Isso pode explicar o especificativo, mas por si só não esclarece a razão da diferença entre os dois tipos de aposto.

Uma moderna gramática do inglês, a de Quirk & Greenbaum (1987), dedica mais espaço à aposição do que o comum das gramáticas. Lembrando inicialmente sua semelhança com a coordenação, já que é uma relação entre entidades com “afinidade gramatical” (que entendemos como identidade de função), acrescenta a necessidade de identidade de referência de um na do outro (o que permite juntar os dois tipos, explicativo e restritivo, ou especificativo).

É também uma das gramáticas que relacionam indicadores de aposição, que podemos traduzir por *isto é, a saber, por exemplo, quer dizer, em outras palavras, ou melhor* etc., expressões que em geral correspondem às conjunções coordenativas explicativas de gramáticas anteriores à NGB (cf. Pereira, s. d., p.155), algumas das quais seriam hoje identificadas como marcadores conversacionais de reformulação.

Perini (1989, p.182-4) não inclui o aposto entre os termos do SN, sugerindo “tratar-se de um mecanismo de nível mais alto (digamos de nível oracional), mecanismo esse que permite repetir certos constituintes imediatamente após os constituintes primitivos, repetição apenas sintática”. Em outra obra, Perini (1995, p.121-2) inclui o aposto entre os parénticos, que exclui dos constituintes da oração.

Mathews (1981, p.224-36), em capítulo dos mais esclarecedores, discute longamente a aposição, que coloca em posição intermediária entre outros tipos de relação.

O aposto na língua falada

A seguir, confrontaremos algumas das afirmações já citadas com dados do *corpus*, examinando casos do aposto prototípico, que é o explicativo, ou não-restritivo.

Pausa e entoação

No material observado, as pausas antes do aposto parecem variar, de um lado, segundo o ritmo pessoal do falante e, de outro, de acordo com as necessidades do planejamento. Sua duração vai de nula (ou seja, não há pausa) até prolongada, acompanhando-se ou não de alongamento na(s) palavra(s) que as antecede(m). Vejamos:²

- (1) Inf.(...) nós **brasileiros** cumpríamos...o nosso longo destino...de país colonial:...exportar matéria-prima... (153, 782)
- (2) Inf. o filme foi uma::como eu falei pra vocês *uma diversão:: um hobby um pouquinho mais elevado. ...só isso.* (161,731)
- (3) L1(...) já apronto o outro para ir à escola,...o **menorzinho**,... (360,157)
- (4) Inf.(...) alguma coisa que aparecia ...pra:::atrapalhar' *algo que funciona::va direitinho, ...um negócio que funcionava bem*...(153,09)
- (5) Doc. e a *casca dele*...ahn:: sei lá **casquinha que fica ainda** se vendia assim(...) (18,423)
- (6) Inf.(...) e nesta ocasião,...a::...o Ministério da Educação...criou...uma *cadeira...de Biblioteconomia Arquivística*...no ensino comercial. ...**Coisa muito interessante**, porque hoje nós estamos vendo o ensino profissionalizante,...a preocupação... profissionalizante. (242,51)

Em (1) não ocorre a pausa que normalmente ocorreria entre o fundamental, pronome, portanto, lexicalmente vazio, e o aposto que o preencheria (como, em “eu, João da Silva...”). Há uma só unidade entonacional, e não a entoação repetida de que fala Cruttenden.

2 Os exemplos são todos tomados ao material publicado pelo Projeto Nurc/SP, com o qual formamos o *corpus* mencionado inicialmente. Foram respeitadas suas normas de transcrição, mas, na dificuldade de melhor solução gráfica, com acréscimo de sinais de pontuação, para representar a variação da entoação. As pausas já no material original são representadas por reticências. Aqui, as vírgulas indicam elevação ou abaixamento de tom; o ponto final, descida para o mais grave; os dois-pontos, entoação suspensiva. O ponto de interrogação é usado com seu valor corrente. Esses sinais serão seguidos de reticências quando houver também uma pausa. Destaca-se com itálico simples o fundamental e como itálico negrito o aposto. Para localização do trecho citado, indica-se primeiro o número do inquérito e em seguida o da primeira linha da citação, na transcrição publicada.

O locutor de (2) fala muito rapidamente, e em consequência não se chega a perceber pausa antes do primeiro aposto, apenas o alongamento da sílaba anterior a ele. A pausa se dá antes do segundo aposto, que, aliás, como que resume o primeiro e só surge após a entoação de encerramento da primeira frase.

Em (3), havendo embora um segmento oracional entre o fundamental e o aposto, repete-se neste a entoação e surge a pausa prototipicamente esperada.

Em (4), a pausa não ocorre só no aposto, mas se manifesta também no interior dos vocábulos que o precedem, sob a forma de alongamentos. Em (5), ele se prolonga por meio de fáticos, com “ahn” e “sei lá”.

Finalmente, em (6), o aposto, precedido de pausa, refere-se a todo o enunciado anterior, encerrado com entoação fortemente descendente. Aliás, não só nesse excerto, como em toda a entrevista, a informante, da 3ª faixa etária, antiga professora, fala pausadamente e com pequenos silêncios freqüentes antes de iniciar cada frase. Denota, assim, planejamento prévio e consciente da fala, com o resultado de baixa ocorrência do aposto. No exemplo citado, isso causa o abaixamento entonacional que marca o fim da frase e, após a pausa de planejamento, a retomada, por meio do aposto, do enunciado anterior, a que faz um comentário, em seguida justificado por meio de uma oração explicativa.

Em resumo, a ocorrência do aposto, se por um lado parece atender à necessidade de clareza, o que evidentemente pressupõe a interação com um ouvinte, por outro denuncia falhas e dificuldades de planejamento. Elas se patenteiam nas pausas, principalmente entre as quais a indicadora de aposição, mas que podem ocorrer também em outros pontos do enunciado.

Além disso, a repetição da curva entonacional do fundamental permite supor no aposto um ponto de reconstrução da estrutura inicial, fato que explica a identidade sintática entre eles. O aposto que ocorre após a entoação de ponto final indicaria um comentário ou uma reflexão sobre o fundamental, o que denuncia uma volta do falante sobre seu próprio enunciado.

Finalmente, a ocorrência do aposto parece estar ligada também – o que parece óbvio – à velocidade da fala (*débit, delivery*) e, pois, à personalidade do locutor, à sua capacidade de planejamento prévio.

Organização interna do conjunto aposicional

Designamos com esse nome o conjunto formado pelo fundamental mais seu aposto.

Estrutura sintática

O caso típico é o de SN no fundamental e SN no aposto, contendo ou não determinantes ou modificadores. Quando o aposto é formado por oração, esta, evidentemente, se transfere para a condição de substantivo. É o caso que se vê em (1), em *nosso longo destino de país colonial, exportar matéria-prima*.

No entanto, não é essa a única possibilidade de aposição. Ela existe também entre núcleos de outra natureza, desde que sintaticamente equiparáveis.

(7) L1 (...) onde predomina o mercado...do que eu chamo do lixo...america-no...do que já está caduco...mais ou menos nos Estados Unidos (...) (333, 394)

(8) L1 (...) parece que está saindo de uma...condição de subdesenvolvimento para chegar sei lá numa de de desenvolvido....okay?...uma::um caminho. (343,502)

(9) L1(...) então eu dizia, "mas é uma coisa estranha. neste Brasil inteiro, **neste país continente**, neste exato momento...**naquela hora** – parece que não sei se era oi/dez da noite – **dez da noite**, as criaturas mais diversas, **as faixas sociais mais diversas** estão presas a esse enredo, **essa história que se processa**." (333,455)

(10) Inf. (...) ele:: se apresentava sozinho,...a não ser com o conjunto musical e alguns recursos de *slides sendo projetados na::na parede, no finzinho da peça...coisa que durou::cinco ou dez minutos no máximo*. (161,571)

(11) Inf. (...) nós lá em casa costumamos mais comer frutas do que doces...o pessoal todo lá **em casa** prefere as frutas. (235,120)

Tomando ao pé da letra, da definição tradicional do aposto, a noção de que ele é um elemento que explica o antecedente, reconhecemos inegavelmente nos exemplos acima casos de aposição.

Em (7), é todo um SAdj que é retomado por outro SAdj que lhe imita a estrutura. E em (8), é o núcleo de um SAdv que se reformula num aposto.

A construção de (9) vai-se fazendo pelo encadeamento de aposições sucessivas: entre sintagmas adverbiais *neste Brasil inteiro*, **neste país continente**, de início, a que se segue outra em *neste exato momento*, **naquela hora**, em que o núcleo **hora** é por sua vez definido por outro aposto, **dez da noite**. E depois, no SN sujeito, em *as criaturas mais diversas*, **as faixas sociais mais diversas**; e no interior do SV, em *esse...esse enredo*, **essa história que se processa**. Aqui, mais do

que dificuldade de planejamento, parece ter havido necessidade de acumulação, de natureza retórica.

O de (10) parece ser também um caso não previsto. Aí é uma oração de gerúndio (*slides sendo projetados na parede...*) – no entanto transferida para a condição de substantiva, ao se deixar reger de preposição para formar o complemento de *recurso* – que é retomada pelo aposto (***coisa que durou::cinco ou dez minutos no máximo***).

Finalmente, (11) é o que melhor mostra o caráter da aposição, processo sintático intermédio entre o plano da enunciação e o da estrutura sintática.: ***em casa***, não há dúvida, pertence ao nível da oração, de que é um SADV; *lá*, como dêitico, revela a posição dos interlocutores em relação a ***em casa***, situando-se, pois, em outro nível de construção.

Em resumo: a aposição não se manifesta apenas entre dois nomes substantivos, como diz simplificadaamente a teoria gramatical, mas entre elementos sintaticamente compatíveis, ou melhor, que podem reduzir-se a uma mesma classe. Explica-se, pois, no plano gramatical.

Por outro lado, sua natureza ambígua começa a transparecer quando se atenta para a relação que mantém com a situação de produção da fala. Parece integrar-se no enunciado, mas conserva-se de certa forma externo à estrutura sintática da oração, uma vez que a ligação se faz por contigüidade, apenas, e nem sempre, como se viu, também pela entoação. Sua motivação, porém, se deverá procurar em necessidades da interação conversacional.

Relações semânticas

Vimos inicialmente que não se pode aceitar a identidade de significado do aposto e seu fundamental: eles remetem à mesma entidade, considerada no plano extralingüístico, não ao mesmo conceito; eles repetem uma menção. O fundamental indica um ser, uma circunstância, um fato, o aposto retoma-os sob nova espécie. Isso melhor se verá nos exemplos que selecionamos.

(12) Inf. (...) o outro que vai receber, **o vendedor** dirá sim ou não...(250, 563)
Este representa o caso prototípico, em que o aposto identifica o fundamental. Não é preciso insistir nele.

(13) Inf. (...) se não me falha a memória, ele recebia *por empreitada*,... **por serviço**, vamos dizer. (18,63)

(14) Inf. (...) havia um::...*um sujeito*, **um colono, um camarada**...que então ficava sentado numa cadeira,...(18,265)

(15) Inf. (...) o filme brasileiro foi considerado...um::...**penetra**,...um:: **in-TRUso**,...**alguma coisa que aparecia ...pra:: atrapalhar** (153,06)

(16) L1(...) será que uma hora não fica *num círculo vicioso, num círculo sem saída?* (343,924)

As amostras dessa série têm em comum a constituição de apostos por sinonímia, revelando o esforço do falante para a expressão exata. Contudo, há provavelmente motivações diversas para sua presença.

Em (13), com um alongamento o locutor toma tempo para definir o tipo de contrato de trabalho, *por:: empreitada*, mas, fazendo pausa substitui por **por serviço**, que a expressão “vamos dizer” mostra ser uma escolha intencional, dirigida para o interlocutor.

Em (14), à mesma hesitação, denunciada por repetição do artigo, alongamento e pausa, segue-se uma sucessão de apostos: *sujeito é o hiperônimo, **colono e camarada** o especificam*, notando-se que nas relações de trabalho na fazenda (assunto do diálogo, nesse momento) não têm a mesma aplicação.

Em (15), o locutor, professor universitário numa conferência, demonstra por pausas e um alongamento demorado a dificuldade na escolha da palavra. A primeira encontrada, da gíria, talvez lhe pareça inadequada à ocasião, sendo substituída por um vocábulo de outro nível de fala.

Em (16), num diálogo em que os interlocutores não brilham nem pela elegância de linguagem, nem pela clareza, L1 parece julgar necessário esclarecer a locução *círculo vicioso*, o que faz pelo aposto. Como o diálogo todo tem um ritmo arrastado, pode-se supor aí, também, uma repetição necessária ao tempo de planejamento.

(17) Inf. (...) aí tinha *café...**bastante café***.(18,49)

(18) Inf. então a::iluminação era feita com:: *lâmpião. ...**lâmpião daqueles tipo Aladim***...(18,19)

(19) L2 eu estava na TUPI, trabalhando como:: funcionária da *Tupi, **da Rádio Tupi***, ...(333,24)

(20) Inf. (...) então por exemplo *teste de Binet*,...**teste de inteligência de Binet**...(377,105)

(21) L2 (...) acabaram tirando:: (acho que) **uma pena, uma pena de passarinho, uma galinha, um negócio assim** ... (343,763)

(22) L2 (...) as aulas, **as aulinhas lá que eu estou assistindo**.(...) (343,531)

(23) Inf. (...) nós colocamos propaganda em jornal::...*cartazes* em:: escolas, em faculda::des, em restauran::tes,...**esses cartazes tradicionais de teatro**,... (161,474)

Todas essas ocorrências têm em comum a repetição, no aposto, do núcleo do fundamental, com o acréscimo de uma especificação que lhe altera a intensão, reduzindo a extensão (o que de resto ocorre sempre no aposto, não necessariamente com essa repetição). É de notar que em (21) ocorre, além disso, uma proposta de substituição do aposto. Em (22), o acréscimo assume também a forma de morfema de diminutivo. Em (23), o aposto com sua especificação vem distante do fundamental, como um pós-pensamento expresso para completá-lo.

No *corpus* examinado há muitos apostos que são enumerações. Tal fato relaciona-se com o tipo de inquérito e, mais fortemente, com o tema e com o tipo de pergunta do documentador, no caso das entrevistas. Tais enumerações tanto podem seguir-se a um termo simples como antecede-lo, no que melhor se chamará aposto anteposto, uma vez que é com o segundo termo que se fará a concordância verbal, se houver na seqüência uma oração.

(24) Inf. bom...fa::z...fazem...fazem-se *esses doces tradicionais*, né?

Doc. por exemplo?

Inf. [ahn::...**curau**,...**pamonha**,...**além do próprio milho verde**::,...**mi-lho verde assado**. (18,342)

(25) Inf.não ih::Deus me livre, detesto *asa*,...*pés*::,*cabeça*, (risos) *esses negócios*, ((riu))(235,155)

Em (24), o aposto é construído com a colaboração do documentador, a cuja fala o informante superpõe a sua para enumerar os doces tradicionais. Em (25), a enumeração termina num aposto resumidor.

Ocorre comumente entre o aposto e o fundamental uma relação fórica, que tanto pode ser de anáfora quanto de catáfora. A primeira está em (25), por exemplo. A segunda pode-se ver a seguir.

(26) L1 é tanto que se propõe sempre *aquilo*,...**o homem e a máquina** né?

(27) L1 HÁ pouco tempo ainda eu escrevi:: *isso*, **que todos os vitoriosos são alegres**. (333, 1130)

(28) Inf. (...) e isto...já...foi o início, **colocar uma cadeira que pudesse preparar**... (242,56)

(29) Inf. (...) mesmo que a pessoa chegar e falar *assim* para a gente, "**eu não sei o que fazer**", a gente deverá(...) (251,15)

(30) Inf.(...) *esta curva de distribuição*, **ela** representa...todas as notas obtidas,... (377, 246)

Quanto a (26), percebe-se, no contexto do diálogo, não um planejamento prévio, mas a falta de planejamento anterior à ocorrência do fundamental, o pronome *aquilo*, na verdade um vazio que o locutor procura

preencher com o aposto. Esse planejamento prévio parece existir em (27), ainda que impreciso, como denotam os alongamentos e o desvio de construção no aposto. Mas é firme em (28), de informante que se destaca exatamente pela precisão do planejamento. Em (29), tem-se o fóricio *assim* preparando a introdução do discurso direto. E finalmente, (30) mostra como o elemento destacado pela topicalização pode ser, sintaticamente, um aposto anteposto ao pronome.

A natureza do aposto

Parece-nos não caberem dúvidas quanto à motivação de natureza conversacional para o uso do aposto, em que transparecem visíveis as marcas da interação.

Ele representa um esforço de clareza que redundava em benefício do ouvinte. Mas ele se faz também em benefício do locutor: tanto corrige a falta de planejamento quanto lhe provê tempo para fazê-lo. Sendo uma forma parcial de repetição – uma vez que reitera sob novo aspecto um elemento do texto, às vezes mesmo com repetição lexical –, cumpre uma das funções que Tannen (1985, p.31) atribui à repetição, a de permitir que o ouvinte absorva as informações na velocidade de sua emissão pelo falante, enquanto proporciona a este o tempo de planejar o que dirá a seguir.

O aposto estaria, assim, entre a repetição e a paráfrase, como meio de manifestação de um dos processos constitutivos da língua falada, segundo Castilho, o de reconstrução (1995), ou reativação (1997).

Qual é, porém, o estatuto sintático do aposto?

Entendemos que ele é sintaticamente marginal. Insinua-se na estrutura oracional, mas não faz parte dela. Ainda que se diga que repete a função sintática do fundamental, visto que pode ocupar o lugar deste sem prejuízo à gramaticalidade, por esse mesmo motivo não se pode aceitar tal identidade de funções, pois nesse caso haveria coordenação e não aposição. Mantém com o fundamental uma relação semântica que não é a existente entre elementos coordenados, visto que nestes o segundo não altera a intensão do primeiro, não o determina, como faz o aposto.

O principal argumento em favor dessa identidade de funções estaria na concordância em caso, como ocorria no latim e no grego.

No entanto, Ernout & Thomas (1972, p.12-3), que inicialmente definem o nominativo como “uma espécie de caso zero, em que se punha todo substantivo que se encontrava isolado na frase por ruptura de construção”, documentam o uso desse caso no aposto, na língua vulgar, ou seja, a falta de concordância entre aposto e fundamental, “em razão de seu fraco elo de dependência”, como, em “*uicit Scorpis equis his: Pegasus, Elates, Andraemo, Cotynus*”. Mais adiante (p.135), exemplificam com autores clássicos casos em que, “sendo o aposto preso apenas por uma ligação muito fraca”, também a concordância em gênero e número (que não era obrigatória) deixa de fazer-se mesmo onde teria sido possível.

Em conclusão: como caracterizar o aposto?

Se, por um lado, as características entonacionais, morfossintáticas e semânticas que lhe são tradicionalmente atribuídas se viram desmentidas, foi possível, por outro, observar a forma como as necessidades interacionais podem pôr em ação o processo da aposição. Esta parece ser, pois, um daqueles mecanismos que Matthews (1981, p.224-36) estuda no capítulo da justaposição, em que termina por mostrar casos em que é difícil distingui-la de outros tipos de relação, sabendo-se que, por vezes, é certo não tratar-se de dependência, mas sem que se saiba exatamente se há aposição ou coordenação.

Ao final, voltamos ao começo: o aposto de fato não se integra na estrutura da frase. Mantém com estas relações semânticas – mas em que medida poderiam elas acarretar uma relação sintática que teria como marca apenas a contigüidade?

Sua ocorrência obedece a necessidades presentes na interação; ele surge como reformulação nos pontos em que o exige a necessidade que o locutor sente, quer de fazer-se mais claro para o ouvinte – ou para si mesmo –, quer de planejar a seqüência.

Dessa forma, não será despropositado afirmar que o aposto ilustra exemplarmente o processo que Givón (1979, p.208) define como o de passagem de uma parataxe frouxa para uma sintaxe estrita.

MORAES, L. C. D. de. From conversation to grammar: the nature of apposition. *Alfa* (São Paulo), v.44, p.247-260, 2000.

- **ABSTRACT:** *This paper intends to study apposition in spoken language, observing its role in sentence structure and showing it as a mark of interaction in conversation.*
- **KEYWORDS:** *Apposition; conversation; intonation; reconstruction; paraph-rasis.*

Referências bibliográficas

- BELLO, A., CUERVO, R. J. *Gramatica de la lengua castellana*. 8.ed. corr. y aum. por N. Alcalà Zamora y Torres. Buenos Aires: Sopena Argentina, 1970.
- CASTILHO, A. T. de. A língua falada e sua descrição. In: VV. AA. *Para Segismundo Spina*. São Paulo: Edusp, Iluminuras, 1995. p.69-90.
- _____. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Linguística Portuguesa* (São Paulo), v.1, p.107-20, 1997.
- CASTILHO, A. T. de, PRETI, D. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Elocuções formais. São Paulo: Edusp, T. A. Queiroz, 1986. v.II.
- _____. *A linguagem falada culta na cidade São Paulo*. Diálogos formais. São Paulo: Edusp, T. A. Queiroz, 1987. v.II.
- CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge, New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1986.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Trad. e adapt. M. C. Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DUBOIS, J. et al. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973.
- ERNOUT, A., THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2.éd. revue et corrigée. Paris: Klincksieck, 1972.
- FREGE, G. On sense and meaning. In: GEACH, P., BLACK, M. *Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege*. s. l.: s. n., 1974.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- MATTHEWS, P. H. *Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- MATTOSO CÂMARA JÚNIOR. *Dicionário de filologia e gramática*. 3.ed. rev. e aum. São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza: J. Ozon, 1968.
- PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. 31.ed. melh. e ampl. São Paulo: Ed. Nacional, s.d.

- PERINI, M. A. *Sintaxe portuguesa. Metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PRETI, D., URBANO, H. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Entrevistas (Diálogos entre informante e documentador). São Paulo: T. A. Queiroz Fapesp, 1988. v.III.
- QUIRK, R., GREENBAUM, S. *A university grammar of English*. Harlow, Essex: Longman, 1987.
- TANNEN, D. *Repetition and variation as spontaneous formulaicity in language*. Georgetown: Georgetown University, 1985. (Mimeogr.).